

# Capítulo V

---

## Criatividade e Educação: Um “Bicho de 7 Cabeças”?<sup>9</sup>

*Soraia Garcês & Margarida Pocinho*

*Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira/ Centro de Investigação em Turismo, Sustentabilidade e Bem-Estar da Universidade do Algarve*

### Resumo

Este artigo pretende ser uma reflexão sobre a importância da criatividade na Educação, considerando-se esta última como um ambiente potenciador do fenómeno criativo junto dos seus alunos, mas também de toda a sua comunidade. O presente trabalho tem ainda como objeto de reflexão ideias erróneas que rodeiam a concetualização do construto “criatividade”, procurando-se aqui desmistificar algumas delas. Para além de tudo isto, reflete-se, de uma forma geral, na relevância da criatividade nas diferentes áreas disciplinares, como as artes e as ciências, domínios do conhecimento das quais a criatividade faz parte e é fundamental. Salienta-se, igualmente, algumas características que se evidenciam na pessoa criativa, procura-se identificar obstáculos que travam o caminho da criatividade e apresentam-se algumas dicas para a promoção do “Ser Criativo” na Educação.

**Palavras-chave:** Criatividade; Educação; Obstáculos; Promoção.

---

<sup>9</sup> Autor de Contacto: Soraia Garcês, [soraiagarces@gmail.com](mailto:soraiagarces@gmail.com)

# Chapter V

---

## Creativity and Education: “It’s not rocket science”?<sup>10</sup>

*Soraia Garcês & Margarida Pocinho*

*Research Centre for Local and Regional Studies of University of Madeira / Research Centre of Tourism, Sustainability and Wellbeing of University of Algarve*

### Abstract

This article aims to be a reflection about the importance of creativity in Education, considering that this environment has an enormous potential to develop students and all school community' creative abilities. Wrong ideas surround creativity and here we try to demystify some of these. Simultaneously, we reflect on the relevance of creativity in the different school classes, such as the arts and the sciences, domains where creativity takes part and is fundamental. We emphasize some characteristics that stand out from creative people and we identify some obstacles that block it. We also give some guidelines to promote creativity in Education.

**Keywords:** Creativity; Education; Obstacles; Creative Promotion.

---

<sup>10</sup> Contact Author: Soraia Garcês, [soraiagarcês@gmail.com](mailto:soraiagarcês@gmail.com)

*“...eles não sabem que o sonho  
é vinho, é espuma, é fermento,  
bichinho álaçre e sedento,  
de focinho pontiagudo,  
que fossa através de tudo  
num perpétuo movimento.”*

*(António Gedeão, em A Pedra Filosofal)*

A Educação, veículo primordial do conhecimento, é aquela que deve prover as ferramentas para uma otimização das competências que irão proporcionar aos adultos do amanhã a potencialidade de bem-sucedermos no mundo profissional que é, invariavelmente, incerto, inconstante e inesperado. Hoje não falamos apenas de uma Educação formal, mas também informal e não-formal, pois a Educação constrói-se a todo o momento, num rodopio de experiências constantes que fazem parte da nossa história.

Mas será que a Educação e, falo agora no campo da formalidade, encontra-se ela própria pronta para a incerteza do futuro? Encontram-se os docentes prontos para preparar a geração futura? Encontram-se abertas as portas para as ideias de inovação, adaptação e criação?

Num comparativismo com o poema de António Gedeão em a “Pedra Filosofal”, acreditamos que nem todos na Educação ainda têm conhecimento que é o “sonho” que permite aos alunos criar, voar e *think out-of-the-box*. É este sonho que chega em tenra idade às nossas escolas e se exprime por simples momentos de humor, de “porquê”, de imaginação, de fantasias que têm, muitas vezes, o potencial de oferecer

ao mundo as mais belas ideias e as mais belas ferramentas de sobrevivência, entenda-se a capacidade criativa. Podendo tomar diferentes formas e feitios, diferentes gestos e expressões, diferentes emoções e comportamentos, todos eles sempre “em perpétuo movimento”, é assim que as mais belas histórias se escrevem, os mais belos poemas emocionam e os mais belos avanços científicos, pequenos ou graúdos, se fazem no dia-a-dia da criança, do jovem e do futuro adulto.

A Educação é uma fonte de criatividade imensurável. Partindo da sua raiz latina, *educare*, cujo significado remete para “conduzir para fora”, é possível perceber que a Educação procura preparar cada um de nós para o mundo “lá fora”, para a cultura, para a sociedade, para a diferença, para a igualdade! Se pensarmos Educação nesta ótica podemos compreender que a criatividade, inerente a cada ser humano, é um dos melhores caminhos para nos conduzir e preparar para o futuro! Como Augusto Curry menciona “Educar não é repetir palavras, é criar, é encantar.” É aqui que devemos apostar para o desenvolvimento profícuo dos nossos alunos.

Mas porque razão é que estamos hoje, em pleno século XXI, a defender a criatividade como pedra basilar para um presente e um futuro de inovação, desenvolvimento e progresso e não a implementar, efetivamente, estratégias promotoras desta competência presente no ser humano com um potencial infindável para o sucesso pessoal e profissional?

Se nos remetermos à história da criatividade encontramos imensas referências a períodos em que o misticismo seria a explicação plausível para as capacidades criativas dos indivíduos que seriam divinamente inspirados e só estes seriam os detentores destas habilidades. Posteriormente, a excentricidade do artista e o seu comportamento considerado “diferente” e “estranho” culminou com uma associação do fenómeno criativo ao conceito de insanidade mental (Wechsler, 2008). É aliado a

este começo que muitas das atuais concepções acerca de criatividade ainda nos fazem repensar o seu papel na Educação.

Um dos maiores mitos associados é o facto de pensarmos que a criatividade é apenas para alguns, “os escolhidos”. Tal não poderia estar mais longe da verdade! Cada um de nós é criativo! Porém existem diferentes estilos de criar e é aqui que muitas das diferenças emergem. Em estudos efetuados diferentes autores identificaram a existência de formas de ser criativo que se relacionam com características próprias de expressão dos indivíduos; os estilos criativos são, portanto, uma preferência por modos específicos de expressar ou desenvolver a criatividade (Treffinger, Selby, & Isaksen, 2008). De acordo com esta visão Isaksen e Puccio (1988) referem que os estilos criativos permitem uma nova forma de encarar o sujeito, pois ao invés de questionar quanta criatividade este tem, devemos nos perguntar como é que podemos ser criativos. Kirton (1976), uma das referências intemporais neste campo, identifica os estilos inovador e adaptativo referindo que cada pessoa pode ser colocada num *continuum* que varia entre adaptação (capacidade de fazer melhor) e inovação (capacidade de fazer diferente). Mais recentemente, Wechsler (2006, 2007) refere que os estilos criativos são a forma preferencial de cada um de nós pensar e comportar quando expressando a nossa criatividade. Tendo desenvolvido um instrumento para avaliação destes estilos Wechsler (2006) refere a existência dos estilos cauteloso/reflexivo, inconformista/transformador, emocional/intuitivo, relacional/divergente e lógico/objetivo, referindo-se a estes como estilos de pensar e criar. Em Portugal, Garcês (2011) e Nogueira, Almeida e Wechsler (2012) procederam aos primeiros passos para a validação deste instrumento à população portuguesa. No estudo de confirmação final (Nogueira, Almeida, Garcês, Pocinho, & Wechsler, 2015) os resultados apontaram para a existência de três

grandes estilos, nomeados de inconformista/transformador, cauteloso/reflexivo e lógico/objetivo, sendo este último considerado um estilo, separado, de pensamento lógico que afeta o funcionamento, independentemente, de um indivíduo seguir uma forma tradicional ou não de pensamento criativo.

Para além dos estilos criativos se diferenciarem entre cada um de nós, um outro aspeto revela-se preponderante para as diferenças individuais de criatividade, aquilo a que chamamos de “treino criativo”. Acreditando que todos temos potencial para a criatividade isso não significa que todos iremos ou estamos a demonstrar essa mesma criatividade. E porque não? A criatividade precisa ser exercitada! Aqueles que se acomodam ao pensamento comum, que relegam para segundo plano a sua curiosidade e motivação para criar, estarão provavelmente a dificultar o seu “músculo criativo” para a ação. Os músculos do corpo necessitam de ser exercitados para manterem a sua funcionalidade, a criatividade deve ser encarada nesse sentido: como um músculo que necessita de exercício para manter a sua funcionalidade. E qual será um dos melhores campos para exercitá-la senão a Educação?

A Educação é um dos campos mais habilitados para demonstrar e promover nos futuros cidadãos do mundo o seu potencial criativo, considerando-se os seus estilos individuais. E porquê? O palco educativo é um palco de crescimento pessoal, social, profissional e cultural. É neste palco que se ensaiam os primeiros passos para o futuro (não descurando, claro está, o palco familiar!), mas é sobretudo nos “bastidores” deste palco que se preparam os músicos, poetas, cientistas, empreendedores, desportistas, dançarinos, economistas, professores, polícias, investigadores, voluntários, pais, mães,..., do amanhã, ou seja, é nestes “bastidores” que se ensaiam e otimizam as competências daqueles que são o futuro. Porque não

então utilizar um dos seus maiores tesouros pessoais, a criatividade, para promover as suas habilidades idiossincráticas e prepará-los para o mundo “lá fora”?

### **Criatividade: onde estás?**

Acreditando ser também importante desmistificar outra ideia errónea, grandemente associada a pensamentos de outras épocas, muitos são aqueles que, ainda hoje, consideram a criatividade como pertencente exclusivamente ao domínio das artes. As artes são invariavelmente, ou pelo menos deveriam ser, um núcleo de expressão criativa nas suas mais diversas formas e feitios. Esta realidade não deve ser deixada de lado na Educação sendo, portanto, o fomento do ensino artístico uma peça importante para o desenvolvimento intrínseco de muitos alunos que aí encontram o lugar para a canalização das suas competências criativas. Indivíduos que expressam criatividade artística desenvolvem produtos criativos nos campos das artes visuais, literatura, música, dança, teatro, cinema (Ivcevic, 2007), entre outros, campos de grande valor para a cultura, para a sociedade e para a inovação. Ivcevic (2007) refere que é possível falar de criatividade artística tanto como a geração de peças de arte como também de comportamentos que não produzem produtos duradouros como seja uma coreografia, sendo que os artistas criativos tendem a ser mais abertos a experiências, imaginativos e não convencionais relativamente à população geral.

Porém em todas as áreas do conhecimento é possível encontrar criatividade, tanto no campo artístico como no campo científico (Feist, 1998). Mas, também no nosso quotidiano a criatividade toma forma, expressando-se esta nas atividades diárias (Ivcevic, 2007), seja na hora de preparar o jantar ou quando nos surge uma situação desafiante no trabalho que necessita de uma resolução criativa. Na verdade, a criatividade toma diversas formas, quer pelos diferentes estilos de criar que são

diversificados entre todos nós, quer pelo treino criativo individual, mas também é importante realçar que os diferentes domínios do conhecimento têm a sua influência na expressão criativa.

Por entre as diversas discussões que superabundam o campo da criatividade, acreditamos ser importante realçar que o papel do ensino artístico, ainda que muitas vezes relegado para um segundo plano de atuação em detrimento de disciplinas que se consideram mais relevantes para a “sobrevivência” do aluno no mundo, não deve ser deixado de lado. A verdade é que tendo em consideração que todos nós, incluindo os nossos alunos, têm estilos diferentes e talentos e competências diferentes, que (n) os tornam a cada um, únicos, a Educação artística é, sem sombra de dúvida, um campo de grande potencialidade para a expressão criativa de muitos alunos que têm neste ensino o caminho para a otimização dos seus recursos internos e das suas habilidades e talentos.

Mas o que nos torna criativos? Uma das questões mais difíceis e desafiantes, que tem levado ao desenvolvimento de inúmeras investigações foca, exatamente, as características personalísticas que sobressaem no indivíduo criativo. Aspetos como: a) a capacidade de realizar analogias; b) a fluência do pensamento; c) o sentido de humor; d) a capacidade de realizar combinações invulgares; e) a originalidade; f) a flexibilidade cognitiva; g) a elaboração de respostas; h) a fantasia; e i) a imaginação (Wechesler, 2008), são apenas uma pequena amostra de características que os investigadores têm concluído como condutoras ou conducentes a atos criativos.

Igualmente, investigações junto de alunos apontam para o encontro de algumas características daqueles que evidenciam e revelam um pensamento criativo, tais como: a) a expressão de ideias diferentes; b) a colocação de questões que parecem fora de contexto ou até mesmo ridículas; c) o gosto por tarefas livres; d) a preferência pela



discussão de ideias ao invés de factos; e e) a utilização de novas formas de resolver os problemas ao invés do que é já aceite, são apenas alguns exemplos de comportamentos e atitudes que se destacam nos alunos que utilizam com maior frequência o seu pensamento criativo (Drappeu, 2014).

Serão estas características apenas de alunos artísticos? Não serão também os alunos mais “científicos” com pensamento mais vocacionado para a lógica, detentores de características também elas criativas? Claro que sim, embora não habitualmente encarada como um campo de criatividade, a “ciência” nos seus mais diversos formatos são um palco imensurável de criatividade (Garcês, *aceite*). O pensar hipóteses, riscá-las, voltar a refazê-las, testá-las, pensar de novo, encontrar novas soluções,..., tudo isto requer doses massivas de capacidade criativa. A questão é que estes trabalhos são poucas vezes reconhecidos pela comunidade. Somente quando um grande “génio” apresenta algo inovador e diferente, é que nos lembramos que a ciência é provavelmente um dos maiores difusores de ideias criativas. Portanto, há que acabar com o mito de que a criatividade vive nas artes, a criatividade vive em todos os campos do conhecimento (Reid & Petocz, 2004), apenas tem expressões distintas sendo necessário reconhecê-las.

### **“Saltar” obstáculos**

Se todos somos criativos, como podemos então promover a nossa criatividade e a dos outros? Como “apanhá-la” e “trabalhá-la”? Para uma promoção profícua é importante conhecê-la “pessoalmente”, no entanto o ser criativo assusta a sociedade! Fugir das normas culturalmente e socialmente aceites e o ser diferente é ainda, infelizmente, uma realidade pouco aceite. Wechsler (2008) descreve inúmeras razões que nos impedem de ser criativos. Entre elas destaca-se: a) o nosso conformismo

pela tradição e o receio pela mudança; b) o medo de parecermos ridículos; c) um pensamento rígido; d) a nossa dificuldade em não fazer julgamentos imediatos e criticar negativamente; e) o nosso medo de falhar; f) o desistir e não persistir nas tarefas; g) o receio por aquilo que não conhecemos; e h) o medo por falar em algo que acreditamos profundamente, mas que pode ser ridicularizado. Estas razões podem ser espelho de todos nós, educadores, mas também dos nossos alunos, que vêm muitas das suas ideias criativas colocadas de lado, por “saírem” do que é normativamente correto, o que os pode levar a desistir pelas dificuldades que sentem em verem as suas ideias, no mínimo, ouvidas.

Os indivíduos criativos tendem a experienciar dificuldades na escola, tendo sido já reportada alguma incompatibilidade entre o ambiente escolar e os alunos altamente criativos (Kim, & VanTassel-Baska, 2010). Estudos evidenciam a influência do ambiente criativo no processo e na produção criativa (Garcês, Pocinho, Jesus, & Viseu, 2016), pelo que o ambiente educacional deve ser um meio promotor de criatividade e não aniquilador da mesma. De acordo com Kim e VanTassel-Baska (2010, p.185),

“Creative underachievers lack the opportunity and encouragement to be creative and self-expressive; do not perceive social acceptance and belonging; earn teachers’ criticism for failure to follow directions and complete tasks on time, and failure to memorize”.

Os mesmos autores afirmam ainda que se aprendermos a promover e a recompensar a criatividade na escola, ao invés de punir os comportamentos que a potencializam, podemos desenvolver a criatividade inerente de cada aluno e potenciar o sucesso escolar. Kim e Hull (2012) concluíram que muitos alunos abandonam a escola porque não gostam desta e não porque têm resultados académicos baixos ou

dificuldades financeiras e/ou sociais. Esta ideia sugere que alguns alunos não se integram bem no sistema escolar devido aos conflitos que surgem entre as suas personalidades e o mesmo, sendo que a personalidade do aluno tem um papel fundamental na interação entre a criatividade e o ambiente. Segundo Kim e Hull (2012) a criatividade pode ser encarada como um presente ou como uma maldição num ambiente tradicional de ensino, podendo levar a resultados baixos ou até ao abandono escolar. Os resultados deste estudo indicaram que a personalidade criativa dos alunos pode estar relacionada com a decisão para abandonar a escola. O abandono escolar é menor quando os alunos interagem em atividades escolares ou comunitárias onde podem expressar a sua criatividade. Ainda nesta linha de raciocínio, Haydon (2016) afirma que muitos pensadores criativos não são bem-sucedidos na escola, não porque têm algum problema de aprendizagem, mas sim porque normalmente os seus pontos fortes, como a) a capacidade de fazer conexões complexas e pensar diferente; b) o seu desejo de uma compreensão mais profunda; e c) a sua sensibilidade, intuição e motivação intrínseca, não se coadunam com a abordagem padronizada e tradicionalista da Educação. Normalmente, estes pontos fortes são interpretados como défices ou dificuldades, pela falta de ajustamento com o sistema escolar que leva estes alunos a lutar “contra a maré” e provoca muitas vezes desmotivação e, conseqüentemente, insucesso escolar. Sternberg (2005) aponta que, para alcançar o que ele chama de “inteligência de sucesso”, é necessário um equilíbrio entre a inteligência criativa, a inteligência analítica e a inteligência prática. A inteligência criativa permite o desenvolvimento de ideias, a inteligência analítica facilita a análise destas mesmas ideias e a inteligência prática possibilita colocá-las em ação. Como tal, a Educação deveria apostar no desenvolvimento equilibrado destas inteligências,

pois só assim existe um maior potencial para o sucesso e poderemos estar a aproveitar os diferentes talentos e competências dos alunos.

Promover a criatividade deve ter o seu início em cada um de nós, responsáveis pelos nossos alunos e futuros adultos de um mundo em rotação permanente. Então o que podemos fazer no sentido de promover a nossa criatividade? Em primeiro lugar tenhamos, ainda que desafiante, uma mente aberta: a) encontremos sítios que nos inspirem a criar; b) procuremos sair das nossas zonas de conforto; c) estejamos abertos às novas ideias; d) utilizemos pequenos livros de apontamentos para não deixarmos escapar estas mesmas ideias; e) encontremos as atividades que nos motivam e nos incentivam a ser mais e melhor; f) encorajemos a autonomia; g) incentivemos a colaboração e que os nossos alunos tenham ideias diferentes das nossas; h) erremos, porque dos erros surgem muitas vezes as soluções ideais para os problemas; i) estimulemos a curiosidade; j) permitamos aos alunos liberdade de escolha; k) valorizemos as suas potencialidades individuais; l) encorajemos o seu questionamento; e m) não tenhamos medo de começar algo diferente (Isaken & Treffinger, 1985).

### **Conclusão**

O estudo científico da criatividade tem trazido consigo muitas novas ideias e cada dia novos conhecimentos vão contribuindo para o aumento da compreensão deste fenómeno. Numa era onde a incerteza de um futuro profissional é tremenda, a criatividade está cada vez mais a ser encarada como uma peça fulcral para o desenvolvimento pessoal, laboral e, até mesmo, cultural. A criatividade é cada vez mais um conceito fundamental pelo que a sua promoção junto dos alunos é vital.

Porém, para exigirmos mudanças criativas nos alunos é preciso que a mudança se inicie em cada um de nós, enquanto agentes educativos. É necessário desmistificar concepções incorretas acerca do fenómeno criativo, é necessário que incentivemos a sua promoção nos contextos educativos, mas também em cada um de nós. Só assim seremos capazes de a promover eficazmente junto dos nossos alunos.

Concluimos esta reflexão com uma citação de Ken Robinson, “You can’t just give someone a creativity injection. You have to create an environment for curiosity and a way to encourage people and get the best out of them”. A Educação pode e deve ser, sem dúvida alguma, um espaço promotor de criatividade, pois...

*“...sempre que o homem sonha  
o mundo pula e avança  
como bola colorida  
entre as mãos de uma criança.”  
(António Gedeão, em A Pedra Filosofal)*

## **Referências**

- Feist, G. (1998). “A meta-analysis of personality in scientific and artistic creativity”. *Personality and Social Psychology Review*, 2, 290-309.
- Garcês, S. (2011). *Escala de estilos de pensar e criar – adaptação e validação à população Portuguesa* (Tese de Mestrado). Universidade da Madeira, Madeira, Portugal).

- Garcês, S., Pocinho, M., Jesus, S., & Viseu, J. (2016). The impact of the creative environment on the creative person, process, and product. *Avaliação Psicológica*, 15, 169-176.
- Garcês, S. (aceite). Creativity in Science Domains: a reflection. *Atenea*.
- Isaksen, S., & Treffinger, D. (1985). *Creative problem solving: the basic course*. New York: Bearly Limited.
- Isaksen, S.G., & Puccio, G.J. (1988). "Adaption-innovation and the torrance tests of creative thinking: The level-style issue revisited". *Psychological Reports*, 63, 659–670.
- Ivcevic, Z. (2007). "Artistic and everyday creativity: an act-frequent approach". *Journal of Creative Behavior*, 41, 271- 290.
- Kim, K., & Hull, M. (2012). "Creative Personality and Anticreative Environment for High School Dropouts" . *Creativity Research Journal*, 24, 169-176.
- Kim, K., & VanTassel-Baska, J. (2010). "The Relationship between creativity and behavior problems among underachieving elementary and high school students". *Creativity Research Journal*, 22, 185-193.
- Kirton, M. J. (1976). "Adaptors and innovators: a description and measure". *Journal of Applied Psychology*, 61, 622–629.
- Nogueira, S. I., Almeida, L., & Wechsler, S. (2012). *Thinking and creating styles scale: Psychometric studies with a Portuguese sample*. Poster apresentado na 8th International Test Comission Conference, Amsterdam, Netherlands.
- Nogueira, S. I., Almeida, L., Garcês, S., Pocinho, M., & Wechsler, S. (2015). The style troika model: a structural model of the thinking and creating styles scale. *The Journal of Creative Behavior*. Advance online publication. doi: 10.1002/jocb.81

- Reid, A., & Petocz, P. (2004). Learning domains and the process of creativity. *The Australian Educational Researcher*, 31, 45-62.
- Sternberg, R. (2005). *Inteligência de Sucesso – Como a inteligência prática e a criativa são determinantes para uma vida de sucesso*. Lisboa: Ésquilo.
- Treffinger, D.J., Selby, E.C., & Isaksen, S.G. (2008). “Understanding individual problem-solving style: A key to learning and applying creative problem-solving”. *Learning and Individual Differences*, 18, 390–401.
- Wechsler, S. M. (2008). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: LAMP/IDB.
- Wechsler, S.M. (2006). *Estilos de pensar e criar*. Campinas: LAMP/PUC.
- Wechsler, S.M. (2007). “Estilos de pensar e criar: impacto nas áreas educacional e profissional”. *Psicodebate*, 7, 207–218.